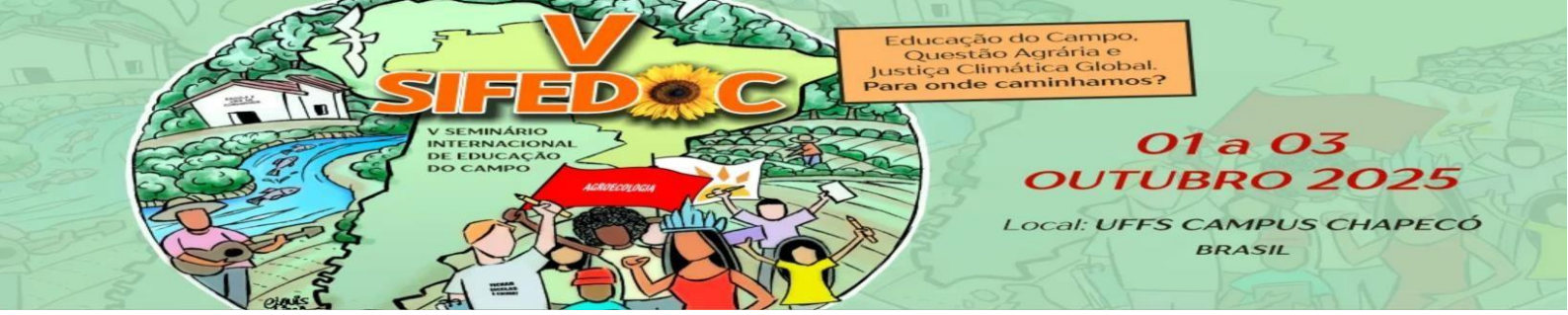


SEMEANDO RESISTÊNCIA: MULHERES E A LUTA PELA VISIBILIDADE NO CUIDADO COM AS SEMENTES CRIOULAS

Trinoski, Fernanda Clarice de Freitas[1]

Cherfem, Carolina Orquiza[2]

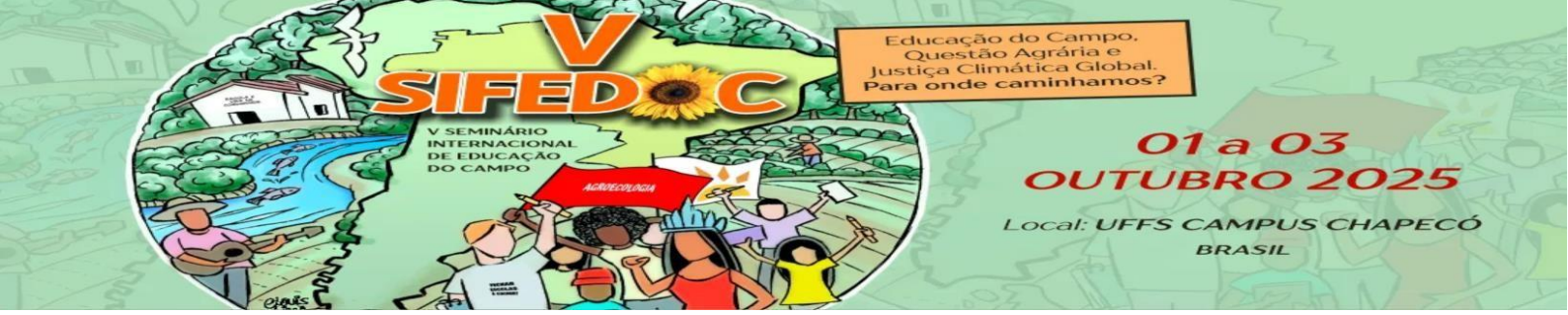
Círculo de Saber 06: Relações de Gênero, sexualidade e Feminismo.

RESUMO: Este resumo expandido tem como proposta apresentar uma pesquisa em desenvolvimento sobre a atuação das mulheres do campo como protagonistas na conservação das sementes crioulas, associando essa prática à resistência política, cultural e ambiental. A pesquisa destaca como essas mulheres, historicamente responsáveis pelo cultivo, seleção e preservação de sementes, mantêm vivas práticas agroecológicas que vão na contramão do modelo agrícola dominante, baseado na monocultura e no uso de sementes transgênicas. Através de participação em ações junto ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do Planalto Norte - SC, observa-se que as mulheres têm se articulado em movimentos sociais, feiras de sementes e redes de troca para reivindicar seu papel e garantir o reconhecimento de seus conhecimentos. A luta delas extrapola o campo da agricultura, tornando-se uma afirmação de identidade, autonomia e resistência frente às políticas que favorecem o agronegócio. Portanto, nota-se que semear e cuidar das sementes crioulas é um ato político. As mulheres que o fazem desafiam sistemas opressores, reafirmam sua ligação com a terra e contribuem para a construção de um modelo de desenvolvimento mais justo, sustentável e enraizado nas tradições populares. Trata-se de uma luta pela visibilidade, mas também pela vida e pela soberania dos povos do campo.

Palavras-chave: Mulheres camponesas, Conhecimentos tradicionais, Agroecologia.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: fernandatrinoski1234@gmail.com

[2] Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: carolina.cherfem@ufsc.com



Introdução:

A invisibilidade e o não reconhecimento do trabalho e do conhecimento das mulheres no campo é uma realidade histórica que ainda persiste. Apesar de exercerem funções fundamentais na produção de alimentos, na preservação do meio ambiente, transmitem e aplicam seus conhecimentos sobre as plantas medicinais, que desempenham um papel fundamental na promoção da saúde e na sustentabilidade.

Diante disto, este texto tem como objetivo destacar o protagonismo das mulheres camponesas na conservação das sementes crioulas e no uso de plantas medicinais, práticas que representam formas de resistência. A valorização dos saberes tradicionais é essencial para a construção de modelos alternativos de desenvolvimento, que respeitem a natureza, a cultura local e os modos de vida das comunidades do campo. Ao reconhecer a importância do conhecimento das mulheres camponesas, buscamos contribuir para o fortalecimento da agroecologia e da soberania alimentar. Como diz Collet,

> [...] mostramos como as mulheres no MMC vão se posicionando frente ao modelo capitalista patriarcal da agricultura. Elas criam, reafirmam, retomam práticas de resistência, como a recuperação de sementes crioulas, ervas e plantas medicinais, frutíferas, ornamentais, criação de pequenos animais, dando concretude àquilo que defendem - o projeto popular de agricultura camponesa na perspectiva agroecológica. Encontramos na prática produtiva das mulheres camponesas em seus quintais produtivos um campo de aprendizado, de conhecimento, de saberes, de sustentabilidade. É uma economia da vida e de relações igualitárias que nos fazem compreender que somos parte do universo, além de contribuir com a autonomia e emancipação. É uma economia que cresce fundamentada e orientada sob os princípios da sustentabilidade e do bem viver. É uma economia feminista camponesa. (COLLET, 2021, p. 02).

As sementes crioulas são variedades cultivadas, selecionadas e preservadas por camponeses ao longo de gerações. Essas sementes representam a base da diversidade genética e da segurança alimentar em muitas comunidades. As mulheres, responsáveis pelo cuidado da casa e do plantio, assumem o papel de guardiãs das

sementes, conservando não apenas a biodiversidade, mas também o conhecimento sobre seus usos, ciclos e características.

No entanto, a lógica produtivista do agronegócio, com a introdução de sementes transgênicas e pacotes tecnológicos, tem ameaçado a continuidade dessas práticas. A resistência das mulheres camponesas se expressa justamente na manutenção de modos de cultivo ancestrais e na recusa ao modelo dominante. O cuidado com as sementes é um ato de proteção da vida e da cultura.

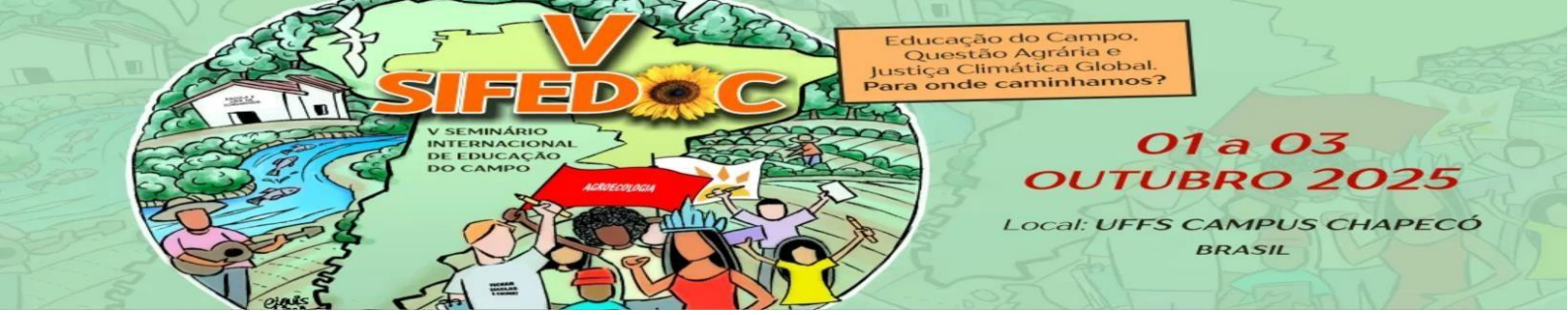
Nesse contexto, o presente artigo busca apresentar uma discussão inicial em torno do tema, destacando pesquisa que vem sendo realizada junto ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do Planalto Norte de Santa Catarina.

Metodologia:

A participação em reuniões, encontros e atividades promovidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas tem possibilitado maior aproximação com o objeto de estudo.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, serão realizadas ainda 3 entrevistas com mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas do Planalto Norte, utilizando a abordagem da entrevista semiestruturada. Essa técnica permite uma interlocução flexível, garantindo um equilíbrio entre a estruturação de um roteiro de perguntas previamente formuladas e a liberdade para aprofundamento dos temas emergentes. Segundo Manzini (2004), essa metodologia possibilita uma coleta de dados qualitativos rica e detalhada, valorizando as experiências e percepções das entrevistadas.

Serão utilizadas também observação participante como principais instrumentos de coleta de dados. Esses métodos possibilitarão o aprofundamento nas narrativas, saberes e práticas transmitidas entre gerações. A análise dos dados será baseada na perspectiva da pesquisa participante, que valoriza o conhecimento das comunidades.



Desenvolvimento:

As mulheres camponesas apresentam um forte vínculo com a terra, com as sementes e com as práticas de cuidado através do uso de plantas medicinais.

Essas ações, muitas vezes consideradas “naturais” ou “domésticas”, têm sido fundamentais na resistência ao avanço do modelo industrial de produção.

A participação em feiras realizadas por movimentos sociais mostra que essas mulheres não apenas preservam saberes, mas também reivindicam seu reconhecimento social e político. Elas ocupam espaços de liderança e articulação, contribuindo para a construção de redes de apoio e educação agroecológica.

Em julho, ocorreu um importante encontro que contou com a participação ativa do Movimento das Mulheres Camponesas em Florianópolis/SC. A presença dessas mulheres foi marcada por rodas de conversa, trocas de semente crioulas e de experiências, de relatos que evidenciaram o profundo vínculo entre o cuidado com as sementes e o cuidado com a vida. Participar e escutar essas narrativas é essencial para compreender o papel estratégico que as mulheres do campo exercem na construção de um modelo de agricultura baseado na solidariedade, na sustentabilidade e na justiça social.

Como destaca o próprio movimento, “cuidar das sementes é cuidar do futuro”, e esse cuidado vai muito além da prática agrícola: é também um gesto de amor, resistência e partilha. As mulheres camponesas não apenas conservam as sementes, mas também as multiplicam e distribuem, mantendo vivas as práticas culturais e os modos de vida tradicionais, que hoje enfrentam ameaças constantes por parte do agronegócio e da homogeneização dos sistemas produtivos (MMC, 2020).

> O Movimento de Mulheres Camponesas se reconhece como um movimento social, entretanto, suas práticas recentes vão além desse movimento mais político. O MMC exerce sobre as camponesas a função de uma organização que libertou as mulheres do papel invisível de trabalhadoras rurais, ao lutar pelos direitos trabalhistas e pelo reconhecimento da profi ssão de agricultora. A organização e a troca de experiências nos encontros, nos cursos, nas assembleias e passeatas fez com que muitas mulheres se reconhecessem como

> mulheres com direitos iguais aos homens e não mais submissas. Além de assumirem a igualdade de direitos, a vivência no movimento proporciona à mulher o olhar em torno de suas subjetividades e particularidades, como por exemplo, em relação à importância da saúde da mulher, onde se discute sobre as doenças que as acometem, como se prevenir e como questionar a atitude dos médicos que atendem as pessoas com indiferença. (BONI, 2013, p. 83).

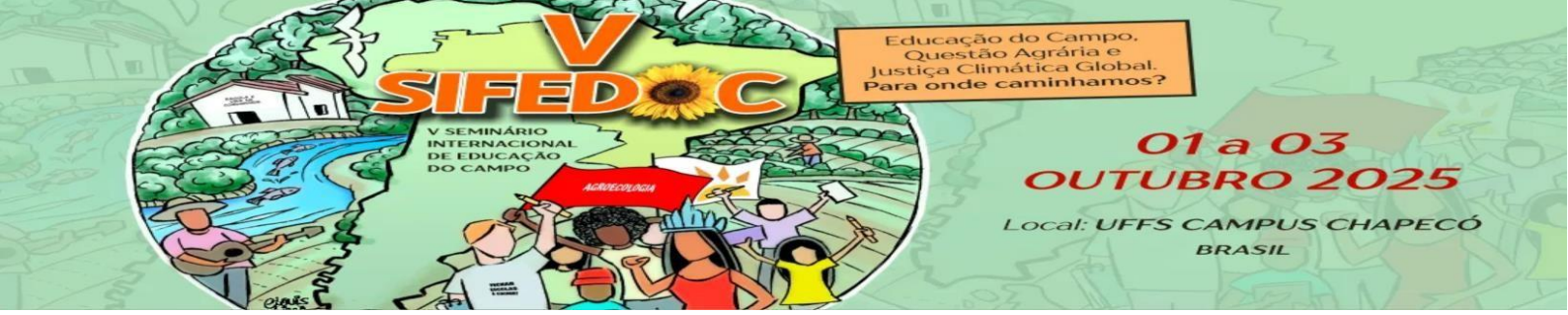
O cuidado com as sementes crioulas e o uso de plantas medicinais pelas mulheres camponesas são práticas profundamente enraizadas em saberes tradicionais e em estratégias de resistência. Esses conhecimentos, muitas vezes invisibilizados, desempenham papel central na agroecologia, na sustentabilidade e na soberania alimentar.

> O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) possui uma história de luta de quase três décadas. Neste percurso, muitas foram as suas reivindicações e bandeiras de luta, como as militantes camponesas costumam se referir. Percebemos, neste espaço de tempo, conquistas importantes no campo dos direitos trabalhistas, especialmente inserção das mulheres camponesas como seguradas especiais da previdência. (BONI, 2013, p. 68).

Em um dos encontros do Movimento de Mulheres Camponesas, foi registrado o centro da roda de conversa onde traz elementos da vida no campo e representa a identidade das mulheres camponesas, o valor do trabalho coletivo, da união e da força dessas mulheres, dando ainda mais significado ao momento de encontro e partilha. A seguir mostra a imagem deste momento citado:



Fonte: Autoria própria.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do MMC se revela especialmente na forma como promove o cuidado com a terra, as sementes e os alimentos. As mulheres camponesas têm papel central na preservação das sementes crioulas — variedades tradicionais, cultivadas ao longo de gerações sem o uso de transgênicos ou agrotóxicos. Segundo Altieri (2012), “a conservação das sementes crioulas pelas agricultoras é um ato político de resistência, que assegura a diversidade agrícola e a soberania dos povos sobre seus alimentos”.

Conforme apresenta o livro “Feminismo Camponês Popular” (MEDRAZI *et al*, 2021), a luta das camponesas busca contribuir com o fortalecimento da organização coletiva e das políticas públicas para avançar na resistência e no enfrentamento à discriminação, à opressão, à exploração e a todas as formas de violência. Trata-se de um movimento coletivo de resistência de preservação não apenas da agroecologia, mas também da luta e da vida.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: **bases científicas para uma agricultura sustentável.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BONI, Valdete. *MMC:* ***um movimento camponês e feminista*****.** Revista Grifos, Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), v. 22, n. 34/35, nov. 2013. DOI: 10.22295/grifos.v22i34/35.1259. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/1259/1469. Acesso em: 15 ago. 2025.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: **análise de objetivos e de roteiros.** Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, v. 2, p. 5859, 2004.

MEDRAZI, Adriana Maria *et al*. (orgs.). **Feminismo Camponês Popular. Reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas**. São Paulo: outras expressões, 2020.